

BLUMENAU

em Cadernos

TOMO II

SETEMBRO DE 1959

N.º 9



BLUMENAU

EM CADERNOS

Tomo II

SETEMBRO DE 1959

N.º 9

MERECIDO CASTIGO

J. Ferreira da SILVA

Um interessante artigo do bondoso e culto frei Estanislau, publicado no "Luzeiro Mariano", despertou-me bem caras recordações do velho Rodeio do frei Policarpo.

Nesse tempo, eu era ali escrívão de paz. E como não poderia deixar de ser, pela minha própria formação e pelo meio essencialmente católico em que vivia, eu ia, diàriamente, à missa, comungava com frequência e estava sempre à frente de tôdas as festas de igreja, promovidas pela paróquia.

As missas, principalmente as missas das cinco e meia, que eu não perdia, exerciam, sôbre o meu espírito uma singular atração. Primeiro, porque, em geral, eram seguidas da bênção com o SSmo. Sacramento, a que assistiam todos os noviços, esmerando-se no canto do "Tantum ergo"; depois, porque os cânticos devotos, entoados pelos grupos de velhos e velhas, indefectíveis àquelas funções, enlevavam-me de tal forma, que eu me sentia, realmente, integrado num côro celestial, cujas harmonias, de envolta com as nuvens de incenso, espalhavam-se aos pés de Deus. E eu sentia a minh'alma subir também, com as perfumadas espirais, à morada do Criador.

Com que entusiasmo, com que encantamento, com que singular e santa unção aquêles velhos devotos cantavam, com tôda a força dos seus pulmões, as glórias de Deus, num tom de voz maravilhoso, que só os italianos sabem achar!

Com a minha capacidade de fácil adaptação, em pouco tempo eu também fazia parte do grupo de cantores e, com todo o esforço que a minha garganta suportasse, unia os meus pouco afinados acordes à harmonia dos cantos entoados.

E, entre os cantores, um sobretudo se destacava pela sua voz possante, estentórea e, contudo, altamente melodiosa. Era o velho Valentino Fruet, que frei Estanislau lembra no seu artigo.

Ah! o velho Fruet! Como me lembro bem daquele ancião de estatura baixa, cheio de corpo, de basta cabeleira branca e que vivia rezando, cantando, cheirando rapé e recordando os seus tempos de moço, quando, em 1875, deixando a poesia do lendário Trentino, viera participar da aventura de começar vida nova, em terra estranha e misteriosa! Começar vida nova e, sem o saber, lançar, com os seus companheiros, os alicerces de uma nova cidade, que se tornou centro de uma comunidade rica, de um povo alegre e feliz, a que o trabalho deu fortuna e o amor a Deus tornou exemplo de virtudes morais e de incontestado civismo.

E, quando ainda êsses heróis franciscanos não haviam levantado o soberbo monumento, que é a matriz de São Francisco; quando ainda a capelinha da "Vergine Adolorata" se elevava, na sua modestia, como um marco glorioso, à beira do caminho principal, que formava o travessão fronteiro dos

lotes da "valata", e onde a abnegação do padre Jacobs vinha implorar, depois de longas e matantes jornadas a cavalo, do divino mestre as bênçãos celestes para a quêle punhado de agricultores simples e bons, que lhe assistiam, de joelhos, o santo sacrificio da missa, já Valentim Fruet, com a sua magnifica voz de tenor, comandava o côro dos piedosos colonos rodelenenses.

Era um dos fabriqueiros da matriz e os vigários sempre lhe davam satisfações e pediam-lhe conselhos.

Homem sem maldade, era, como todos os bons, de uma simplicidade que chegava aos limites do ingênuo. E a sua religiosidade não admitia meias medidas, embora, nem sempre chegasse a manifestar, por palavras, a sua intolerância.

A êsse respeito, vou contar uma história:

Certa vez, um colono de "São Pedrinho", uma linha colonial pouco distante, apareceu no convento dos franciscanos, trazendo um papagaio empoleirado no dedo indicador da mão direita. Chamou o vigário, que era o bom frei Policarpo e lhe disse:

— Padre, venho fazer-lhe presente dêste papagaio, que é alegre e muito falador. Mas êle fala e grita tanto que a minha mulher não o quer mais em casa. Eu lembrei-me de dá-lo aos padres. Se V. Revma. não quizer ficar com êle, venda-o em beneficio da igreja. Não falta quem queira e compre um bichinho falador como êsse.

Frei Policarpo que era, também, uma santa e ingênuo criatura, chamou o porteiro, o frei Afonso. Êste, com cara de desconfiado, obedeceu as ordens de levar o papa-

gaio para o pátio interno, até que lhe fôsse dado outro destino.

Mas, deixem que o papagaio, como bom falador que de fato era, aprendera com os seus donos primitivos e os seus vizinhos, tanto nome feio e tanta blasfêmia, de que aqueles eram pródigos, que era um horror. E, mal pôs os pêzinhos na taquara, que frei Afonso lhe arranjara para pouso, começou a dizer coisas que escandalizaram os inocentes ouvidos dos frades e noviços.

Frei Policarpo mandou logo chamar o velho Fruet, e, contando-lhe o sucedido, foi dizendo:

— Devolva êsse blâsfemo ao dono, ou dê-lhe outro fim. Aqui é que não poderá ficar, de maneira alguma e nem mais um instante só!

E lá se foi o bom velho em direção à casa, que ficava a uns cem passos do convento, com o papagaio empoleirado no dedo.

Em lá chegando, pousou o bichinho no cepo em que costumava rachar lenha e...

Se os leitores conhecessem bem o dialeto que Fruet falava, uma mistura de trentino, em que os **us** eram pronunciados como em francês, ou como o **u** tremado, alemão, eu contaria, nesse dialeto, o resto da história que ficaria, assim, muito mais pitoresco.

Mas como, possivelmente, não seja o caso, vou dizer as coisas, mesmo em português, embora com pouca graça.

...e o velho Fruet pegou do machado e, como se estivesse conversando com o papagaio, murmurou:

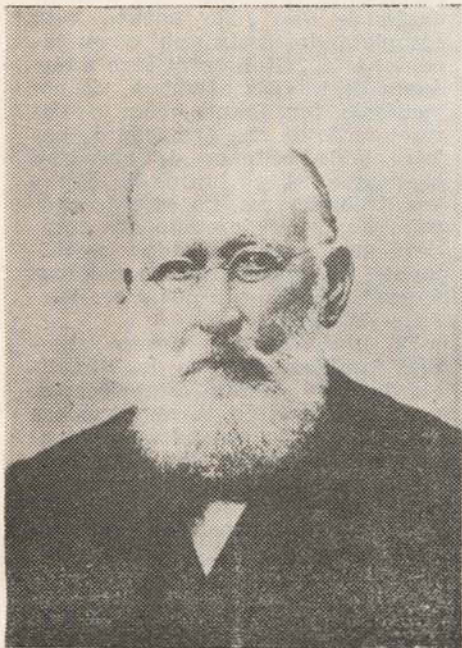
— É do capítulo quarto, das epístolas aos romanos esta sentença: "o salário do pecado é a morte!"

E cortou o pescoco do bicho!

EM 1829 havia, em tôda a província de Santa Catarina: uma cidade: Destêrro, a capital. Três vilas: Laguna, Lajes e São Francisco. Um arraial: São Pedro de Alcântara. Doze freguesias: 8 na capital — N.^a S.^a do Destêrro, N.^a S.^a das Necessidades; N.^a S.^a da Conceição; N.^a S.^a da Lapa; N.^a S.^a do Rosário; São José; São Miguel e Bom Jesus dos Aflitos. Duas na Laguna: Santo Antônio dos Anjos e Sant' Ana. Uma em Lajes: N.^a S.^a dos Prazeres e uma em São Francisco: N.^a S.^a da Graça.

2.º - GUILHERME SCHEEFFER

(1887 — 1889)



Reunidos em sessão solene, a 7 de janeiro de 1887, os vereadores eleitos a 1.º de julho e 10 de agosto do ano anterior, Guilherme Scheeffler, Henrique Clasen, Francisco Lungershausen, Leopoldo Hoeschl, Jacó Luís Zimmermann, Luís Altenburg, José Henriques Flôres Filho e José Joaquim Gomes, elegeram para presidente da Câmara o negociante Guilherme Scheeffler, blumenauense operoso e progressista. Em todos os empreendimentos levados a efeito no município, êsse ativo presidente da Câmara estava sempre à dianteira. Na "Cultur Verein", na "Sociedade dos Atiradores", na Comunidade Evangélica os seus pareceres eram ouvidos e respeitados. No mês de agosto dêsse mesmo ano, Scheeffler entrou no gozo de uma licença de dois meses, assumindo a presidência o vice-, Leopoldo Hoeschl.

Durante a presidência Scheeffler, vários foram os melhoramentos introduzidos no município. Providenciou-se a criação de uma estação telegráfica e a organização do patrimônio municipal. Em Gaspar foi criada uma escola pública masculina. Fizeram-se melhoramentos na estrada para Curitiba. O dr. Bonifácio Cunha foi nomeado Delegado de Higiene. Em Destêrro faleceu o sr. Fernando Hackradt, ex-sócio do dr. Blumenau. E em Gaspar também faleceu (28 de fevereiro de 1887) o Tenente coronel José Henriques Flôres, um dos mais antigos povoadores do alto vale do Itajaí. Chegou o grande relógio para a Igreja evangélica. Foi festivamente colocada a pedra fundamental da igreja evangélica de Timbó. O sr. Fides Deeke é nomeado escrivão de órfãos. Dá-se, em Gaspar, um ligeiro motim. Cerca de 300 pessoas se reúnem naquela freguesia e, sob a alegação de que não pagariam mais impôsto algum, atacaram o procurador da Câmara, Manoel Agostinho Demoro, o juiz de paz e outros. A Câmara tomou imediatas providências, telegrafando ao presidente da província que mandou dez soldados da polícia que contiveram os amotinados. A 5 de dezembro de 1888 faleceu Vitor Gaertner, um dos mais prestimosos auxiliares do Dr. Blumenau na direção da colônia. Durante 23 anos exerceu o cargo de cônsul da Prússia e depois da Alemanha, em Blumenau. Era sobrinho do fundador da colônia.

Em janeiro de 1888 Scheeffler foi reeleito presidente da Câmara. Passou êsse cargo, em janeiro do ano seguinte, ao novo presidente Gustavo Salinger.

O QUE DIZEM DE NÓS

“O Município”, um dos mais interessantes órgãos da imprensa catarinense, que vem à luz em São Francisco do Sul e no qual colaboram penas das mais brilhantes e eruditas, como as de Carlos da Costa Pereira, Arnaldo S. Thiago, Deodoro de Carvalho, José e Marcílio S. Thiago, Moacir de Oliveira e outros conhecidos intelectuais conterrâneos, publicou, em seu número de 22 de agosto, último, o seguinte, sob o título “BLUMENAU EM CADERNOS”:

“J. Ferreira da Silva é um indefeso trabalhador intelectual, realizando obra de valor cultural sobremodo digna de apreço, no setor da historiografia, por amor à pátria brasileira cujos eventos, no que concerne às férteis glebas da extensa bacia do Itajaí, procura resguardar do esquecimento a que estariam fadados, não houvesse homens de sua tempera para registrá-los indelévelmente em páginas ricas de saber e de austeridade, como essas dos seus cadernos blumenauenses.

Já estando em seu segundo ano de publicação, o mais recente caderno que nos veio às mãos, corresponde ao tomo II e tem o n.º 6, de junho do corrente ano.

Como os anteriores, que temos procurado ler com a atenção que nos merece trabalho de tanta valia e nobreza de objetivos, o caderno de n.º 6, a que nos estamos referindo, abre suas páginas com o interessante estudo — DOIS SÉCULOS MEMORÁVEIS — em que o sr. J. Ferreira da Silva, retrata o desenvolvimento do novel muni-

cípio da Penha, no qual se acha incrustada a linda praia de Itapocorói, cuja capelinha, sob a invocação de São João Batista, está completando, neste ano, o seu bicentenário. “Itapocorói teve a sua época de intensa atividade, de um comércio fervilhante, com o florescimento da sua armação de baleias, onde centenas de operários brancos e outras tantas de escravos, trabalhavam, na estação própria, no beneficiamento dos cetáceos que eram arpoados, anualmente, em grande número, nas suas águas”, conforme depõe o sr. Ferreira da Silva.

Do município em apreço algumas famílias, como as dos Simplício da Silva, vieram estabelecer-se em São Francisco, talvez na época em que, tendo entrado em decadência a armação de Itapocorói, como assinala o autor, hajam essas famílias entrevisto melhores condições de prosperidade em nosso município, onde, a este tempo, os estaleiros do “Saco do Lomba” rumorejavam com o falquejar de grossos madeiros pelos carpinteiros da ribeira, e o martelar constante dos calafates nos costados das embarcações em construção. Joaquim Simplício da Silva, de saudosa memória, era um desses carpinteiros da ribeira, vindos da Penha com sua família — espôsa, três filhos varões que também foram carpinteiros da ribeira e duas filhas, uma das quais, Idalina, em idade propecta, ainda vive entre nós. Ao sr. Ferreira da Silva, os nossos melhores votos de prosperidade.”

A 1.º de agosto de 1857 o pastor Rodolfo Oswaldo Hesse assumiu suas funções como cura protestante da nascente colônia Blumenau. Hesse nasceu em 1820, em Reinswalde, na Alemanha. Veio, para o Brasil, contratado pelo dr. Blumenau, para o seu estabelecimento, onde permaneceu até sua morte. Prestou grandes serviços ao progresso material e moral da colônia.



O primitivo curato do SSmo. Sacramento do Itajaí foi elevado à freguesia, sob a mesma invocação e mais a de N.ª S.ª da Conceição, a 12 de agosto de 1833. Nessa mesma data foi criado, na nova freguesia, um distrito policial. Tudo isso foi obra do Cel. Agostinho Alves Ramos.

REMINISCÊNCIAS

O presente trabalho foi publicado no jornal itajaiense "Novidades", de junho de 1907. Sendo êle de grande interêsse para os estudiosos da história de Itajaí e muito pouco conhecido (ao que sabemos, sômente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e na do Estado, em Florianópolis, existem coleções do citado jornal) resolvemos dar-lhe publicação também nestes "Cadernos".

"Reminiscências" está dividido em três capítulos e, segundo se sabe, é de autoria do dr. Pedro Ferreira e Silva que, como Superintendente Municipal, prestou a Itajaí assinalados serviços.

I

UM DOS ÚLTIMOS ENFORCAMENTOS NO BRASIL — SUMACA NEGREIRA — MUSA DO POVO — A CIDADE — DE DESTÊRRO PELOS ANOS DE 1835 a 1844 — TROPAS QUE PASSAM PARA A GUERRA NO SUL — O TEMPORAL DE MARÇO — A MARGEM DO RIO ONDE ESTÁ HOJE A NOSSA CIDADE, DE 1840 a 1844 — A BARRA DO ITAJAÍ E O RESPECTIVO PONTAL.

Sendo muito raros os escritos que nos dão notícia minuciosa do passado do nosso Estado, principalmente em relação a tempos e lugares em que a imprensa não existia, ou era escassa, à medida que vão descendo ao túmulo os mais antigos habitantes da terra catarinense, vai-se extinguindo o melhor recurso de que poderíamos lançar mão — a tradição oral.

Para que se não perca uma informação fidedigna a respeito de considerável parte do nosso Estado, em época bastante remota, procuramos ouvir o senhor Antônio da Costa Flôres, octogenário dotado de excelente memória e um dos mais antigos moradores de Itajaí.

O sr. Antônio Flôres nos recebeu com a mais cativante lhaneza, em sua modesta residência na estrada da Barra do Rio e nos disse o que, em fiel resumo, passamos a dar.

"Para melhor esclarecer e apoiar o que lhe vou responder, sempre que me parecer conveniente, mencionarei alguma cousa da minha vida e indicarei os nomes de pessoas a que me referir — começou o senhor Flôres.

Nasci no Rio Grande do Sul, em Triunfo. Lembro-me de ter visto enforçar um homem em Pôrto Alegre, por crime de assassinatos.

Quando eu contava cerca de dez anos, meu pai, Antônio da Costa (que tinha, como eu, o apelido de "Campo Grande", porque nascera em uma localidade dêsse nome, em Portugal), embarcou comigo no Rio Grande com destino à cidade do Destêrro, na sumaca "Vencedora", que era de propriedade do major Anacleto José Pereira da Silva, morador em Destêrro e tinha como capitão um tal Agostinho, por alcunha "Galola", o qual ainda tem parentes vivos nesta cidade, como seja o sr. Saturnino Estevão dos Anjos.

Na travessia apanhamos tão forte temporal que a sumaca perdeu o mastro de proa e sossobriaria se não tivesse passado à vista de um navio grande, que a levou a reboque para o Rio de Janeiro.

Como tivemos a felicidade de encontrar lá, pronta para sair para o Destêrro, a sumaca "Aurora", também pertencente ao major Anacleto, nos passamos para ela e não fomos à terra, de modo que, do Rio de Janeiro, só me lembro de ter visto muitos navios perto uns dos outros e amarrados a grossas argolas de grandes bóias.

A principal carga da "Aurora" consistia em grandes quantidades de negros africanos, trazidos como escravos, e que eram guardados no porão, tendo uma tábua atravessada na altura dos peitos.

Os marinheiros não maltratavam os negros; apenas por brincadeira tentavam ensinar-lhes os seguintes versos, que tempos depois ouvi cantar muitas vèzes :

O diabo leve o branco
Meu senhor seja o primeiro !
Vai buscar filho de Deus
P'ra meter no cativeiro!

É certo que a bordo se temia que fôsse descoberto que o navio tinha tal carga e por isto se tomavam precauções. Se bem me recordo, falava-se na possibilidade de ataque de navios ingleses e depois me disseram que um dèles tinha andado em procura da sumaca.

A viagem correu muito bem, terminando em três ou quatro dias. Pelo que pude observar e me contaram, em Destêrro, já eram esperados os escravos e estava tudo preparado para recebê-los às ocultas.

Depois de desembarcados os escravos, à noite, em um lanchão, que, segundo me constou, se internou pelo rio Tijucas, chegamos a Destêrro.

Aí, um genro do meu pai, de nome Martinho José Calado, montou-lhe um bem sortido negócio de sêcos, molhados e louças, na rua do Comércio em uma casa que, mais tarde, se tendo incendiado a alfândega, serviu de alfândega.

Passados uns cinco anos, durante os quais acabei de aprender a ler e fui caixeiro de meu pai, êste, querendo liquidar o negócio, fêz transportar para bordo de um lanchão grande, de propriedade de João Vicente Velho, que morava na Praia de Fóra, os gêneros que lhe restavam e embarcou comigo para vir vendê-los aqui em Itajaí".

— Que recordação tem do Destêrro, por essa época?

— "Destêrro possuia algumas casas de negócio importantes, bons prédios, sobretudo na Praça e na rua do Comércio que era a mais digna de nota, bonitas chácaras, com inúmeros cajueiros na Praia de Fora e em Mato Grosso, diversas igrejas; mas era ainda uma cidade bem pequena. Usavam-se jaquetas, calças de alcapão e gravatas muito largas.

Na Praça, em barraquinhas, perto da praia, mulheres de côr preta frigiam peixe, cozinhavam mocotó e faziam muitas comidas para vender. Via-se uma imensidade de pretos de ganho. O transporte de cargas pelas ruas não era feito por meio de carroças e sim por êles. Quando o volume era grande e muito pesado, o pegavam tantos quantos eram julgados necessários e lá o iam carregando a cantar, de modo tão arrancado dos peitos e tão monótono que mais parecia estarem a gemer.

Vários navios entretinham as comunicações com o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul, de onde já vinha bastante charque; mas não raro só se encontravam no pôrto algumas embarcações pequenas.

De quando em quando chegavam do Rio de Janeiro navios trazendo forças do exército, que seguiam a tomar parte numa guerra que se estava travando creio que no Rio Grande do Sul. Ocasões houve em que a soldadesca era tanta que enchia a praça. Por vèzes, grupos de soldados andavam pelas ruas à noite, fazendo distúrbios e vociferando contra os portugueses, que tratavam de marotos, obrigando-os a abrirem as suas casas de negócio à força de baterem nas portas.

Uma noite, tendo meu pai, nessas condições, aberto a sua casa de negócio, e estando a atender a alguns dêsses turbulentos, deram-lhe, à traição, uma espaladeira na cabeça.

Fazia, mais ou menos, dois ou três anos que estávamos em Destêrro, quando houve o temporal de março, de que muito se falou e, durante o qual, para os lados de Cacupé, foi abaixo uma casa, morrendo soterrados todos os seus moradores, exceto um que, estando ausente, quiz voltar a ela, mas a violência do próprio temporal o impediu."

— Em que data chegou com seu pai a Itajaí?

— "Foi em dezembro. Não posso dizer com precisão o ano. Mas, com tôda certeza, foi entre 1840 e 1844. Encontrei já aqui o falecido José Henriques Flôres, já contando alguns anos de residência no Pocinho. (1)

Também não sei ao certo em que ano nasci. Meu pai me disse qua a... de janeiro do ano seguinte ao dia da nossa chegada aqui, eu ia completar 15 anos. Realmente, eu então parecia ter essa idade. Pelas minhas contas, tenho pelo menos 78 anos.

Antes de virmos para aqui, tinha, no Destêrro, cessado a passagem de tropas para a guerra no sul, mas foi depois de termos vindo que se fez a paz. Ao que pude observar em Itajaí havia vestígios produzidos pelo **temporal de março**. No muro próximo ao local em que está construído o edificio da "Sociedade de Atiradores", correu em dois lugares grande porção de terra, sendo derrubadas muitas árvores e produzindo-se largos e profundos sulcos, que ainda hoje se podem reconhecer. No canto da praia de Camboriú, perto da casa do cirurgião Claudino Pacheco também se deu considerável desmoronamento. Tais vestígios revelaram que não fazia muito tempo que tinha havido o temporal."

— Pedimos que chame em auxílio todo o vigor da sua memória para me dizer, com exatidão, a mais escrupulosa, que era, nesse tempo, Itajaí.

— "Nos três primeiros meses, poucas ocasiões tive de ver o lugar, porque raramente saía de casa do ferreiro português Antônio Teixeira Canela, casa coberta de palha e que era situada perto do local em que reside o sr. Manoel Gonçalves Pereira. Fôra aí que meu pai colocara os gêneros que trouxera e me encarregara de vender.

Findo êsse tempo, voltando meu pai para Destêrro e ficando eu a aprender o officio de ferreiro com José Machado Vieira, mestre de ferreiro que, tendo vindo daquela cidade prestar seus serviços na construção de um navio, com um tal capitão Machado, montou ferraria, logo que concluiu essa construção, no local em que hoje tem casa de residência a exma. sra. dona Amélia Mueller dos Reis, tornei-me bastante conhecedor de Itajaí.

Na praia viam-se diversos ranchos de palha onde se abrigavam as canoas. Tinha-se tomado a precaução de as preencher por meio de correntes, porque, várias vêzes, succedeu que soldados desertores, vindos do Destêrro, para passarem o rio, à noite, as desamarravam, deixando-as depois em abandono.

As únicas embarcações que havia eram: um pequeno palhote, de nome, se não me engano, "Sete de abril" e que pertencia ao então major e depois coronel, Agostinho Alves Ramos e que fazia viagens para Destêrro e grande número de canoas de variados tamanhos, destinadas à pesca e viagens aos rios Itajaí-Açu e Itajaí-Mirim e mesmo à pesca do mar.

Existia, apenas, um trapiche, que era pequeno, servia para atracação do palhote e estava situado nas imediações do lugar em que a casa Asseburg & Cia. tem o seu armazem mais próximo da praia.

Consideravelmente acresceram os terrenos na margem do rio, desde o ponto em que tem casa de negócio o sr. Carlos Seara Júnior até ao em que reside o sr. João Pinto Amaral.

A barra e o pontal eram mais ou menos como hoje. Sempre residindo em Itajaí, durante quase 70 anos, tenho observado que o pontal diminui ou cresce conforme há, ou não, enchente entre os anos de 1883 e 1885, mas em consequência da que houve em 21 de setembro de 1880 foi que êle sofreu maior diminuição. O mar veio bater na porta da cidade e os navios passavam por bem perto do ponto em que sempre há mato alto.

Devo, porém, deixar consignado não só que nos últimos anos foi que o pontal conservou maior comprimento, mais fundo, por terem sido as enchentes mais fracas e menos freqüentes, como também que desde que conheço o Itajaí, foi no ano passado que se sentiu maior falta de chuvas.

(Continua no próximo Caderno)

1) Parentes do Coronel Flôres nos asseguraram que, por documentos que ainda existem, sabe-se que êle veio do Rio de Janeiro para Itajaí em 1835.

FOI a 5 de agosto de 1868 que foi instalada a Comarca de Itajaí, criada por lei provincial, no mês anterior. O seu primeiro juiz foi o Dr. Joaquim da Silva Ramalho.

RIO ITAJAÍ

ARNALDO BRANDÃO

O céu azul, as margens verdes
e as águas vivamente amareladas.
Esta é a longa bandeira
que se desprende do alto da serra
e vem, graciosamente, encontrar-se com o mar...
Por ela deslisam touças de água-pés
e pelas suas ribanceiras florecem alelúias
e se debruçam salgueiros chorosos...
O rio corre por sôbre as pedras
e foi, assim, que o chamaram
os primitivos guaranis.
Rio caudaloso e longo
por onde sobem e descem
pequenas embarcações.
A brisa que sopra no vale
faz ondular, com elegância,
os imensos canaviais
e os arrozais dourados pelo sol da manhã.
Nas tuas margens, grande rio,
cidades e aldeias se reclinam,
para mirar nas tuas águas
as tôrres das suas igrejas,
e as flôres dos seus jardins.
...e o rio, correndo e saltando
por sôbre as pedras
vem se arrastando,
até encontrar-se com o mar.
Aí, então, os dois se abraçam
e dêste amplexo grandioso,
nasceu a cidade de ITAJAÍ...

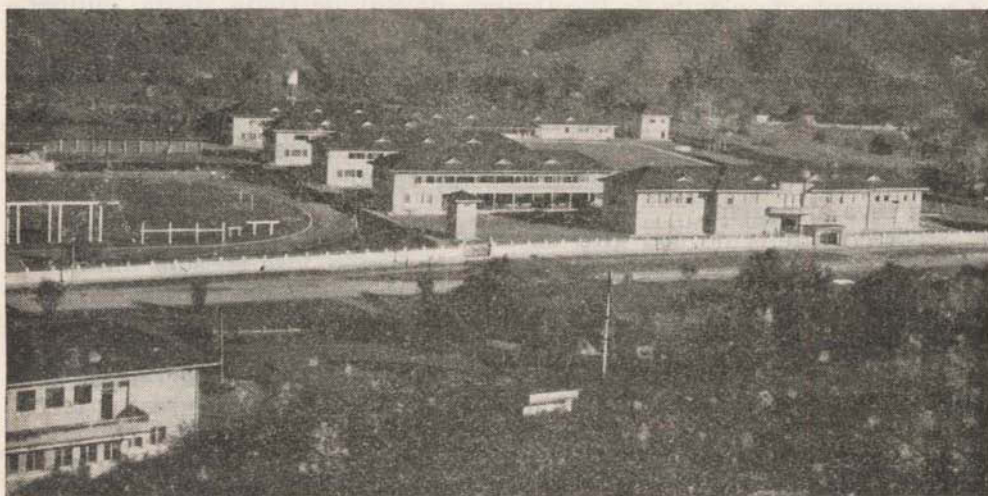
Do livro: POEMAS DE ARBRAN - Edições Pongetí - Rio-1951

O EXÉRCITO EM BLUMENAU

A 23 de janeiro dêste ano, comemorou-se a passagem do 20.º aniversário de criação do 32.º Batalhão de Caçadores que, sob o comando do então major, hoje general, Nilo Guerreiro Lima, veio estacionar em Blumenau, onde chegou em abril de 1939.

Ampliadas as acomodações iniciais, com a construção de três magníficos pavilhões de alojamento, foi o batalhão transformado em Regimento de Infantaria, tomando o n.º 23.

Essa briosa unidade de Exército tem sido de inestimável préstimo para Blumenau, a que vem prestando serviços valiosos.



Vista do conjunto de edificações do 23 R.I. à rua Amazonas, no bairro do Garcia. Representam uma esplêndida contribuição ao embelezamento da cidade e ao seu desenvolvimento.

Ao par da sua missão patriótica, num louvável trabalho pela glorificação das nossas tradições de civismo, pelo culto à memória dos vultos que souberam engrandecer o Brasil pelas suas virtudes e pelo seu trabalho, o 23.º R.I. tem contribuído eficientemente para o desenvolvimento, não apenas do município, mas de toda a bacia do Itajaí. Não se pode, também, deixar deslembada a sua dedicação nos auxílios prestados à população de Blumenau, por ocasião das enchentes periódicas, que tanto nos atribulam. Os blumenauenses têm, em tais oportunidades, encontrado no comando, na oficialidade e nos soldados do 23 R.I. amigos desinteressados que lhes têm dado, com grande despreendimento, todo o seu auxílio material e conforto moral.

E os blumenauenses, por sua vez, orgulhosos do seu regimento, não têm deixado de reconhecer as altas finalidades que o orientam, o patriotismo dos seus comandantes, para lhe darem, sempre, incondicional apôio e solidariedade irrestrita.

Publicando, nesta página, uma vista do Quartel de Blumenau, com os seus magníficos pavilhões de comando, os seus alojamentos de praças, os seus campos de esporte e de educação física, prestamos uma sincera homenagem à brilhante unidade do Exército Nacional, que honra e orgulha Blumenau e o Brasil.

OS PRIMÓRDIOS DE CAMBORIÚ

TOMAZ FRANCISCO GARCIA

O presente artigo foi transcrito do "O Tijuquense", de 1907 e é de autoria do rábula José Mendes da Costa Rodrigues. Por conter dados muito interessantes para a história de Camboriú, trasladamo-lo para estas páginas para conhecimento dos nossos leitores.

Alferes da guarda nacional, lavrador abastado no lugar denominado **Camboriú** (presentemente vila) natural da freguesia do Ribeirão, da Ilha de Sta. Catarina, irmão de José Francisco Garcia, rico proprietário e abastado lavrador, irmão de Francisco José Garcia, rico proprietário e comerciante da cidade do Rio Grande do Sul, de Dona Maria, mulher de Inácio Simas e de mais outra irmã, que foi casada com um português, progenitores de Alexandre Gonçalves de Amorim, em sua mocidade Tomaz Garcia se inclinou à vida do mar. Seus pais eram pobres e residiam na roça, na ponta de Caiacanga.

Depois de lutar com Netuno, de quem muito sofreu, casou-se no Rio de Janeiro e veio estabelecer-se na cidade de Destêrro, em cuja praça teve armazem.

Sendo infeliz no seu giro de negócios e tendo sofrido graves misérias, acabou com a vida comercial. Seu irmão José possuía uma sesmaria de terras em Camboriú, que não era cultivada porque os proprietários das terras, denominados "botocudos" não consentiram.

Tomaz Garcia, vendo-se sem meios de vida, resolveu comprar a terra do irmão, com a cláusula de ir pagando a prazos. Animado por seu cunhado Simas, partiram para Camboriú e aí fizeram demarcar a terra em a qual fez a primeira derrubada.

Anos depois aposentou-se com sua família no lugar que hoje se vê povoado e com uma nova capela.

Em frente desta bonita planície, dêste taboleiro, está o pequeno rio Camboriú, que anda sempre a mudar a porta de entrada; além dêste pequeno rio e no lugar onde está uma ponte de madeira, se dilata uma vargem extensa, formosa e bela que tem, ao norte, uma cordilheira de baixas montanhas que são as divisas do Itajaí. Esses montes cerrados de árvores e flôres, sendo o lugar tão vistoso e aprazível, mereceu o nome de "Monte Alegre".

Depois que Garcia estava situado, se apresentaram nestes morros os botocudos e os coroados e mataram 20 pessoas a flechadas e lançadas.

Então daí para cá perdeu o antigo nome essa terra, sendo hoje chamada "Montes Tristes".

Garcia, amedrontado, desamparou o estabelecimento e se refugiou na cidade do Destêrro, confortado pelo seu cunhado Simas, veio com êste para o seu lar. Viuvou e viveu neste estado o resto de sua vida. São seus filhos José Francisco Garcia, que casou com uma parente, Francisco José Garcia, que casou com outra parente, Tomaz Francisco Garcia, casado com outra parente, Geremias Francisco Garcia, também casado com uma parente e pai de Bento José Garcia, que reside na Tapera; Dona Leonídia, casada com Claudino de Souza Medeiros, mora na terra do sogro e Dona Maria, casada com Jesuino Luís Pereira, também situado nessa mesma fazenda.

A casa de Garcia (o velho) serviu numa de suas salas de igreja; nela os padres celebravam o santo sacrifício da missa, batizavam e ca-

savam. Garcia foi o lavrador de mais lavoura; fabricava três a quatro mil alqueires de farinha, além de outras mais lavouras; possuía perto de cincoenta cativos; uma preta de nome África lhe deu mais de 20 escravos. Foi íntimo amigo do major João Corrêa, sendo a nora d'êle, sobrinha de Garcia e filha de José Garcia.

Garcia não era claro nem bonito. Tinha os olhos e os cabelos de côr preta, muito cerrado de barba, baixo, gordo e barrigudo. Houve quem dissesse que se assemelhava ao velho Bertoldo.

Sempre foi eleitor da paróquia e juiz de paz afamado pelos seus atos célebres e dignos de memória.

Sendo seu escrivão João Apolinário, que era um cabo de trapacaria, imbuíu no bestunção de Garcia que podia obrigar a casar todos os amasiados no distrito e para cujo fim designasse uma audiência geral, com citação de todos. Assim resolveu Garcia.

No dia aprezado, estava o terreiro da casa de residência de Garcia crivado de homens e mulheres e ia o bom do escrivão apregoando os que deviam entrar, e Garcia obrigando-os a se casarem no prazo estipulado, de que se lavrava t'ermo, incluindo as penas em que incorria o que deixasse de casar. O escrivão percebia as custas, que regulavam de 5 a 10 mil réis, conforme a longitude da diligência.

Sendo chamado um fulano Barbudo, mariola português, agente de compras e mantimentos para o major Anacleto José Pereira, do Des-têrro, que estava com um armazem de depósito e uma sumaca atracada ao barranco do rio, compareceu êle com sua amásia, que era uma cabocla muito feia e querendo Garcia que êle com ela se casasse, Barbudo depositou sôbre a mesa a chave do armazem e os papéis do navio, dizendo que protestava perdas e danos, tendentes ao comércio prejudicado de seu amo, e saiu porta à fora.

Garcia que muito respeitava ao major Anacleto, lançou mão da chave e disparou atrás do marinheiro (êle era muito gago). Vieram até a foz do rio, em cujo lugar, reunindo-se várias pessoas, conseguiram apaziguar a questão.

Garcia jurou não mais se meter em calças pardas, fugindo sempre dos palpos de aranha.

A igreja, que serve de matriz em Camboriú, se deve a êle; foi quem administrou a obra e diligenciou os donativos. Também um outro velho, de nome Ricardo Garcia, andava pelas portas esmolando para a mesma obra da igreja.

A capela de Santo Amaro, que tem dois anos, e que está colocada no cemitério, foi feita a expensas do velho Marcelino José da Silva, do rio do Encano, que não tendo filhos, gastou parte da sua fortuna empregando-a nessa capela que serviu de matriz, até que se aprontou a igreja, por Garcia administrada, sendo o terreno de sua propriedade. Garcia era homem bizarro, franco em sua casa, tinha grande prazer quando era procurado.

Fez grande banquete, durante oito dias que a comissão política do partido cristão esteve em Camboriú, sendo oradores o dr. Francisco Honorato Cidade e o alferes Aires Serra Carneiro. Compareciam, diariamente, mais de cem pessoas, que tôdas jantavam em lauta mesa em uma grande casa preparada por Garcia, junto à ponte do rio das Ostras.

Garcia faleceu com mais de 80 anos de idade e foi sepultado na dita capela de Santo Amaro.

HONROSO PARECER

Quando, em 1849, o Dr. Blumenau esteve no Rio de Janeiro, tratando das providências preliminares para a instalação da sua colônia, obteve, em requerimento apresentado ao governo imperial, o seguinte parecer do diretor da Repartição Geral das Terras Públicas :

1.º

Tendo se empenhado, constantemente, a Assembléia Provincial e o govêrno da Província de Santa Catarina em promover e proteger a colonização, principalmente de alemães, que são os que, por sua sobriedade, denodo, persistência no trabalho e moralidade, têm já dado à Província penhores preciosos de sua utilidade, persuado-me que, se as sortes de terras que o sr. dr. Blumenau teve licença para medir e demarcar, em 1848, se acham ainda desocupadas, não duvidará o atual sr. presidente revalidar a licença, e então poderá o sr. dr. Blumenau obter da Assembléia Provincial a prorrogação do prazo para a medição e demarcação, assim como as outras modificações na lei provincial de 1836, que deseja para o bom êxito da sua emprêsa. Não vejo inconveniente em que o govêrno geral faça ao presidente de Santa Catarina a recomendação, que pretende o dr. Blumenau, pois que pelo Ato Adicional, ao mesmo govêrno e às Assembléias Provinciais incumbe promoverem, cumulativamente, a colonização. Esta emprêsa já foi atendida em Santa Catarina e se em parte falhou foi por uma pequena desinteligência entre o Presidente da Assembléia, como se vê dos impressos juntos, cumprindo notar, quanto à prorrogação do prazo para a medição e demarcação e distribuição das terras que, dêste favor, já há exemplo com os empreendedores da Colônia Nova Itália, Demaria e Schutel.

2.º

Entendo que pode fazer o Govêrno Geral, ao dr. Blumenau, o adiantamento de dez contos de réis, que pretende para as primeiras despesas do estabelecimento, tanto mais oferecendo êle, como oferece, tão sólidas garantias legais e morais.

O govêrno, mesmo para Santa Catarina, tem adiantado grossas somas para subsidiar colonos, as quais, tarde ou nunca, reembolsará, quando no caso atual pode contar com reembolso e com o útil emprêgo da soma adiantada.

3.º

Será difícil satisfazer cabalmente o dr. Blumenau quanto ao fornecimento de dados estatísticos. Todavia estou que, pelas secretarias de Estado, muito pode ser ajudado nesta parte, pelo que nelas existir, ou ordenando-se aos presidentes das províncias indicadas forneçam o que nelas houver. A parte legislativa está escrita e vulgarizada; pode consultar-se e dela extratar-se o que convier publicar-se.

4.º

Não é fácil defender eficientemente os estabelecimentos coloniais das invasões e estragos do gentio, que nunca ataca duas vêzes pelo mesmo ponto e segue, sempre, direções diversas de maneira que seria preciso, para essa defesa, um cordão de tropas em permanência, o que não é praticável. O que se pratica e o que tem dado segurança aos estabelecimentos coloniais alemães, é conservarem-se os colonos sempre vigilantes, e fornecendo-os de armas e munições. É isto o que lembra o dr. Blumenau.

Christiana Deeke BARRETO

MAIO DE 1959

1.º — “Dia do Trabalho”, transcorre sem festividades de importância. Na imprensa local aparecem mensagens aos trabalhadores — uma do prefeito municipal, outra do sr. Celso Ramos, presidente da Federação das Indústrias do Estado.

2 — O dr. Oscar Rubens Krueger, médico do Hospital Santa Catarina, segue em licença para a Europa, em companhia de sua senhora, para fazer cursos de especialização em genética e cirurgia plástica na Alemanha e na Áustria.

— No clube de Caça e Tiro, bairro da Velha, é coroada a rainha do clube, srta. Ivone Debatim, e feita a apresentação de duas princesas, comparecendo às brilhantes festividades o sr. Prefeito, o comandante do 23 R.I., o Delegado de Polícia e outras autoridades e pessoas de destaque.

3 — O grande “show” Vigorelli, promovido pela firma Hermes Macedo S/A., alcança êxito sem precedentes, calculando-se a multidão que se comprime no pátio fronteiro ao Teatro Carlos Gomes, aplaudindo os grandes artistas da Rádio Nacional, em cinco mil pessoas. Alto-falantes transmitem o espetáculo, no qual se apresentam o “Duo Ouro e Prata”, Edson Lopes, João Dias, Violinista Carlos de Mattos, vedetes Salomé Parizio, Silvina Chiozzo e Adelaide Chiozzo, a dupla Guarujá e o simpático comediante Cherém.

6 — Agita a imprensa local o caso da composição da Comissão de Obras e Equipamentos (P.O.E.), onde Blumenau não obtivera representação, em virtude de ter sido vencida a chapa encabeçada pelo sr. Ernesto Stodieck Junior pela do sr. João Alfredo Kriek, de Rio do Sul, por 26 votos contra 24. Como esta última chapa tivesse contado com três votos de representantes de um sindicato riosulino, convocados para a eleição, mas cujos no-

mes não constavam do decreto, em decorrência do qual se realizou a eleição, foi o caso levado à decisão do POE. Na reunião desta entidade, na capital do Estado, em abril, em que se deu posse aos eleitos para diversas regiões do Estado, o assunto foi discutido, havendo três propostas a respeito: Uma do sr. Celso Ramos, pela anulação dos três votos impugnados; a segunda do sr. Laertes Ramos Vieira, propondo nova eleição e a terceira do sr. Ernani Rosa, pelo reconhecimento dos votos impugnados, tendo vencido a segunda proposta. O órgão da oposição, “O Estado”, taxa as duas últimas propostas de ilegais, sendo as razões em que se estriba publicadas em artigo que “A Nação”, de Blumenau, reproduz na coluna de “A pedidos”. Na mesma coluna, dias após o sr. Arruda Ramos justifica o ponto de vista dos outros, que não apoiaram a proposta de anulação dos três votos em foco.

7 — No jornal “A Nação” aparece a notícia do reconhecimento de “utilidade pública”, federal, da ACIB (Associação Comercial e Industrial de Blumenau) dando também a relação dos membros da nova diretoria, permanecendo na presidência o dr. Julio H. Zadrozny e vice-presidentes os snrs. Alfredo Freshel e Carlos Heinz Buechler, figurando nos três outros cargos também nomes tradicionais de representantes do comércio, das indústrias e das profissões liberais.

— Chega em visita à cidade, o embaixador da Polônia no Brasil, dr. Wojciech Chabasinski, em companhia do sr. Zygmunt Harwenski, conselheiro comercial, Piotr Golebiowski, adido consular. Recepcionado com as honras de estilo, defronte à prefeitura municipal, às 11 horas, são prestadas homenagens aos visitantes, com um coquetel no salão nobre da Prefeitura. À tarde percorrem a cidade, em automóvel, em companhia do sr. Prefeito, visitando os pontos pito-

rescos e as principais indústrias Blumenauenses. À noite, banquete oficial no Teatro Carlos Gomes, com a participação das autoridades civis, militares e eclesiásticas.

— Permanece nesta cidade, de 7 a 13, a poetisa Joinvilense, Josete Maria Schwoelk, membro da Academia Paranaense de Letras, brilhante intérprete da literatura moderna. No dia 13, "Dia da Imprensa", a visitante é homenageada pela ACIB com um jantar no Café Society, onde vários oradores saudam a festejada catarinense como "autêntica intérprete dos sentimentos e da inteligência da mulher brasileira".

10 — Justa homenagem é prestada ao prefeito municipal, sr. Frederico Busch Junior, na escola "Alice Thiele" onde é inaugurado o retrato de S.S.

15 — Assinala a data o transcurso das Bodas de Ouro do venerando casal Selma e Alfredo Baumgarten, comparecendo às festividades realizadas no lar do abençoado casal, após a solenidade religiosa celebrada na igreja evangélica e ao jantar oferecido na sede do Esporte Clube Olímpico, grande número de parentes, componentes das famílias Baumgarten, e Altenburg, tanto da nossa cidade como de Joinville, São Paulo, Rio de Janeiro, etc.

17 — Domingo do Divino Espírito Santo são promovidas as tradicionais festividades em benefício da comunidade católica local, desta vez pró construção da torre da nova matriz. A festa é realizada nos moldes tradicionais, com barraquinhas de comidas e bebidas, roda da fortuna, rifas e prendas apreciadas como: bonecas lindamente vestidas, canarinhos e a extração da grande tómbola de um automóvel "Bel-Air" 1953 e mais três outros valiosos prêmios, tendo tocado o automóvel ao bilhete adquirido pelos gasparenses Engelberto e Antônio Schramm. O lucro dessa festa foi o maior jamais alcançado nesta região, ultrapassando a casa dos 2 milhões de cruzeiros.

23 — Seguem viagem para os EE.UU. e a Europa dois vereadores à nossa Câmara Municipal pela UDN, drs. Bernardo W. Werner e Wilson Gomes Santiago, pre-

tendendo o último fazer curso de aperfeiçoamento em sua especialidade, doenças de olhos, nariz e garganta e o primeiro visitar indústrias do gênero da "Electro-Aço Altona", da qual é um dos dirigentes.

26 — Inauguração oficial do trecho asfaltado da rodovia Blumenau-Itajaí, compreendendo a estrada Blumenau-Gaspar, presidindo a solenidade o sr. Governador do Estado, sr. Heriberto Huelse, estando presente o representante do diretor do DNER e o sr. Secretário da Viação e Obras Públicas do Estado, sr. Heitor Ferrari, além de deputados federais, estaduais e altas figuras da administração do Estado e dos municípios de Blumenau e Gaspar. Antes do ato inaugural, o radialista José Gonçalves apresenta ao governador do Estado um apêlo em nome da Associação da Imprensa e Rádio do Vale do Itajaí e do povo de Blumenau, no sentido de se dar o nome do saudoso governador Jorge Lacerda àquela rodovia. A seguir é oferecido um almoço ao governador e comitiva, pelas classes conservadoras, no Tabajara Tennis Clube, discursando o dr. Julio H. Zadrosny, tendo o governador agradecido.

30 — Durante o mês de maio publica a imprensa local a notícia da aposentadoria dos benquistos catedráticos do Colégio Estadual Pedro II, professor Joaquim de Salles, da cadeira de português e professor João Mosimann, da de História do Brasil e História Geral, os quais, após longos anos de inteligente e bem orientado magistério, entram em merecido descanso.

No decorrer do mês, há vários falecimentos a registrar e a lamentar, de membros de famílias tradicionais ou pessoas de destaque na nossa sociedade, entre as quais: Dr. Heinz Brandes, da firma Brandes & Reinert; sr. Afonso J. A. V. Timmermann, professor aposentado; sr. Carlos Rothbart; sr. Gustavo Koffke; sr. Vidal Flávio Dias, genro do recém-falecido industrial Bernardino Antônio de Souza (Procópio); sr. Franzke e sra. Frieda Zimmendorff.

Em visita pastoral chega à nossa cidade o bispo diocesano, sediado em Joinville, Dom Gregório Warmeling. Cerca das 16 horas o

ilustre prelado é recepcionado em frente à Prefeitura Municipal, pelas autoridades civis, militares e eclesiásticas, associações religiosas e grande massa de povo. No palanque oficial, armado em frente ao Paço Municipal, S. Excia. Revma. é saudado pelo sr. dr. Juiz de Direito da primeira Vara, em nome da população de Blumenau. Em nome da juventude, fala uma colegial do ginásio Sagrada Família, oferecendo a S. Excia. uma corbeille de flores e, em nome da paróquia o dr. Rômulo Silva saúda o sr. Bispo. Em seguida há uma recepção no salão de honra da Prefeitura, onde é saudado pelo sr. prefeito Busch Júnior, agradecendo o sr. Bispo Diocesano em breves palavras, as homenagens.

31 — Na capela do Bairro do Garcia, o sr. Bispo Diocesano administra o sacramento da Crisma, após ofício religioso. A noite, com início às 20 horas, é oferecida uma homenagem a Dom Gregório, pela Sociedade Dramático-musical Carlos Gomes, consistindo em concêr-

to músico-vocal, a que comparece numerosa assistência, lotando a sala de concertos. Iniciado com o "Hino a Carlos Gomes", de Heinz Geyer, para solo, côro e orquestra, é apresentada música de Haydn, Bethoven e Haendel, atuando como solistas a sra. Rita Schwabe e Antônio Van Dall. No decorrer da brilhante festa, a Diretoria da Sociedade Dramático-musical Carlos Gomes, em regosijo ao 50.º aniversário de fundação do atual Côro Orfeônico e Orquestra Sinfônica, faz a entrega de diplomas aos sócios honorários que colaboraram ativamente por mais de 25 anos. Do côro orfeônico são êles: Franz Becker, Fritz Vohlmuth, Julius Will, Alfred Wuensch, Rudolfo Kleine, Max Schlereth; sras. Hedy Geyer e Irene Fuchs; srtas. Sibila Gropp, Wally Gropp, Annamaria Fleisch, Annemarie Asseburg. Na orquestra sinfônica: Sra. Herta Deeke, srs. Ingo Hering, Francisco Runze, Arthur Lindholm e Alfredo Luehr.

EM 1.º de junho de 1832, o presidente da província, Feliciano Nunes Pires, mandou ao Ministro do Império, o ofício n.º 14, concebido nestes têrmos: "Incluso apresento a V. Excia. a cópia duma ata do Conselho Administrativo da Província, como a da proposta que deu lugar à resolução constante da mesma ata, para o estabelecimento de um corpo de pedestres, dividido em quatro seções, cada uma de 10 homens, com um comandante e quatro condutores, com o fim de explorarem os sertões da mesma província e de chamarem os indígenas à civilização. Eu julgo necessário êsse estabelecimento e cuido que dêle resultará vantagens, segundo as razões que vou expôr: Supõem-se haver entre a beira-mar e os campos de Lajes, a oeste, vinte léguas de sertão: e de todo êsse terreno, apenas estará em aproveitamento uma légua ao longo da costa, se excetuarmos a colônia alemã, que se tem estendido cinco léguas, pouco mais ou menos, pela estrada de Lajes, e às margens de alguns rios na mesma extensão, quando muito. Mas tanto a dita colônia como os estabelecimentos nessas margens, estão de tal sorte sujeitos às incursões dos malfazejos botocudos, que só gente temerária, ou muito necessitada, se expõe a viver nesses lugares, que por vêzes têm sido abandonados. É pois assim que, sem exageração, se pode dizer que o sertão desta província, conquanto seja dos mais pequenos, é todavia o menos conhecido e aproveitado, donde nasce sem dúvida o abatimento em que êle se encontra, em despeito de sua posição e bom clima. É de crer que nêsse interior haja lugares vantajosos para a lavoura e criação e que haja também madeiras de préstimo a que se possa dar fácil extração por alguns rios, que se supõe oferecem extensa navegação, como sejam por ventura, o Itajaí e o Tijucas que se diz atra-

vessarem a referida estrada de Lajes, em distância de suas desemboaduras talvez a vinte léguas o primeiro e dez o segundo. Acredita-se também que o referido sertão encerra riquezas minerais, de que consta haver aparecido amostras, a cujo respeito é muito falado a montanha do Taió como contendo minas de prata. Para se verificar, pois, se existem com efeito essas vantagens, essas riquezas, é necessário explorar os lugares e fazê-los acessível para as fazer valer, o que não se poderá conseguir senão com o mencionado corpo de pedestres, com os quais talvez se consiga também atrair e domesticar alguns indígenas ou afugentá-los das proximidades dos lugares já povoados e fáceis de povoar”.

Estante dos “Cadernos,,

★ **XOKLENG E KAINGANG** — Francisco S. G. Schaden — Separata do Vol. 6.º, n.º 2 da “Revista de Antropologia” — Por gentileza do Dr. Egon Schaden, erudito mestre de antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Faculdade de São Paulo, recebemos esse interessante trabalho, mais uma doura contribuição ao estudo dos silvícolas que habitavam as florestas do Paraná e Santa Catarina. Procurando estabelecer comparações entre os usos e costumes das duas famílias, a dos “coroados”, ou kaingang e a do xokleng, ou botocudos de S. Catarina, o dr. Francisco Schaden reúne opiniões e pareceres de vários cientistas que se dedicaram ao estudo desses indígenas, às próprias observações, para tirar conclusões que nos parecem muito acertadas e que se constituem em achegas preciosas ao melhor conhecimento dos “bugres” que foram o terror dos nossos colonos, nos primórdios do povoamento do Vale do Itajaí. É um trabalho valioso, que o próprio leitor lê com prazer, dado o estilo leve em que é vasado e à clareza com que o tema é exposto. Somos muito gratos ao Dr. Schaden pela preciosa dádiva.



REGISTRO de uma portaria ao Juiz de Fora pela lei: “Havendo corrido a mim a preta Maria, escrava de Inácio José Garcia, queixando-se de sevícias com ela praticadas, até ao ponto de ser queimada com tições de fogo, de que mostrava cicatrizes, mandei entregá-la a seu senhor, recomendando-lhe tôda a moderação no castigo e tôda a humanidade no tratamento, o que não obstante, hoje me apareceu a mesma escrava flagelada de açoites, que ainda vertiam copioso sangue, e porque a lei de 20 de outubro de 1823 me impõe a obrigação de evitar tais procedimentos, zelando o bom tratamento dos escravos: ordeno ao sr. juiz de fora pela lei, mande imediatamente proceder a exame por cirurgião na dita escrava, tanto nas feridas do castigo agora dado, como nas cicatrizes para se saber se mostram vestígios de serem feitas com fogo e depois me remeterá o mesmo exame, advertindo que as despesas desta diligência serão pagas pelo senhor da escrava. Destêrro, 27 de outubro de 1824. José Antônio Rodrigues de Carvalho”.

NOTÍCIAS
de
BRUSQUE E NOVA TRENTO

isto é das Colônias
ITAJAÍ E PRÍNCIPE DOM PEDRO
na Província de Santa Catarina
IMPÉRIO DO BRASIL

por
D. Arcângelo Ganarini



Trento

Estbl. Tip. G. B. Monauni, Edit.

1880

Traduzidas do Italiano

por

LUCAS ALEXANDRE BOITEUX



(CONTINUAÇÃO)

6 — Café

O café, produzido em abundância e de excelente qualidade nas províncias setentrionais, como se pode inferir do comércio que se faz nos mercados da Europa, especialmente, proveniente de Santos, Rio e Bahia, vinga também nestas colônias, dando um bom produto nos anos que não é prejudicado pela geada. Segundo um estudo que tenho à vista, um hectare de terreno pode conter cerca de 900 pés de café, os quais em um terreno inferior dão 600 e nos superiores até 2.000 quilos de café. Calculando-se em 40 ou 50 vintens o quilo, vê-se logo quão remuneradora é esta cultura. Seduzidos pela esperança de vistosos lucros, muitos dos nossos compatriotas reunidos no Rio, combinaram procurar as colônias da província do Espírito Santo, aonde muitos sob aquêl clima ardente e sítios malsãos, adoeceram e não poucos lá deixaram a vida, como fui sabedor por pessoas que de lá vieram. Esta planta, que cresce de 2 a 3 metros e mais, já no terceiro ano se cobre de flôres, as quais pouco a pouco vão se transformando em grãos e amadurecendo. Nesta província é preciso

ser advertido para plantá-la debaixo de outras árvores e cobri-la de folhas sêcas durante as noites ameaçadoras para salvá-la de eventuais geadas. Existem colonos que poderão gozar do produto das suas plantações; e um dêles me declarou estar esperançado de colher naquele ano pelo menos três quilos por pé. Se todos o tivessem imitado e fôsem mais solertes, em pouco tempo não haveria mais necessidade de recorrer-se a países vizinhos para êste artigo, mas cada qual poderia produzi-lo para o seu gasto; isto é, seria não pequena economia, devendo pagar entre 70 e 90 vintens o quilograma.

7 — Aipim

Esta planta, que se distingue da mandioca sômente pela coloração das folhas e da casca, produz uma das mais importantes raízes alimentares. E' plantada como a mandioca na mesma qualidade de terreno e pode-se fazer pelo mesmo sistema uma farinha muito mais gostosa do que a da mandioca. O uso mais comum que dêle se faz, é arrancá-lo fresco, despojá-lo da casca, cosinhá-lo n'água ou no fogo, ou também cosê-lo como

complemento a outras comidas. Pode-se conservá-lo dois e três anos ficando sempre enxuto. É necessário arrancá-lo aos poucos, conforme a necessidade, desde fevereiro até agosto, nos quais começando a vegetar toma o gosto amargoso. A raiz, quando cozida, torna-se farinhenta com o sabor da castanha e das melhores qualidades de nossas batatas.

Os poloneses e alemães aqui estabelecidos muito o empregam, e no inverno quando as pastagens são atacadas pela geada, também o dão aos animais, sendo um alimento muito lactífero. Também os nossos trentinos o aceitam de boa cara, e nada dizem contra êle. Se fôsse possível conservar-se essa raiz por longo tempo, depois de arrancadas do chão e lançá-las no comércio desta maneira, poderia dar bons lucros, porque além da quantidade do produto e as qualidades salubres e nutritivas reúne um sabor agradável.

8 — Batata doce

Há batata doce de várias qualidades (*Ipomea*) e é chamada doce mercê ao pronunciado sabor adocicado que possui. Para fazer-se sua plantação empregam os brotos das velhas plantas; e apenas em meio ano, em terreno fôfo, colhem batatas até do peso de três quilos. Têm uma polpa farinhosa e para quem aprecia a doçura não se poderá oferecer alimento mais gostoso. É empregada na alimentação de porcos e galináceos, não podendo a mór parte superar aquela doçura tão acentuada. Também em caso de necessidade poderia servir muito bem de alimento às pessoas, corrigindo-lhe o sabor com ingredientes picantes e vinagre e limão.

9 — Mangaritos e Taiá

Estas duas espécies de plantas (*Caladium*), entre si muito parecidas, distinguem-se uma da outra pelo sabor do tubérculo e a coloração das folhas. O mangarito pelo seu sabor picante pede um correctivo para ser comido; enquanto ao taiá de gosto parecido ao aipim pode ser empregado sem nenhum condimento cozido simplesmente n'água. Essas duas espécies de tu-

bérculos se conservam como as nossas batatas durante muito tempo depois de arrancadas da terra, por isso poderiam muito bem substituí-las. Prestam-se para ser preparadas de várias maneiras, e a credito fariam honra às mesas das nossas colônias, onde é assás difícil contentar estômagos tão variados no gosto e no desejo. Ao chegar de Maio as folhas amarelecem, e é sinal de poder-se arrancá-las da terra. Essas duas espécies de plantas, muito cultivadas pelos colonos tedescos, começaram a ter entrada também entre os nossos italianos que, dia a dia, lhes vão reconhecendo a importância.

10 — Cará

Entre as várias espécies dêste gênero (*Dioscorea*) conheço duas. Uma só produz um tubérculo por planta, do tamanho da cabeça de um homem, que ralado se mistura com farinha de milho e de mandioca para fazer-se pão que se usa em casa. Ao longo dos nódulos da planta, que rastejam pelo chão, brotam outras pequenas batatas do tamanho de uma noz, que servem de sementes para o ano seguinte. A outra espécie dá também um tubérculo bastante grande, mas o produto maior cresce nos nódulos da planta em tantos frutos de forma achatada e angulosa e cantos agudos. A planta, do tamanho apenas de um dedo, cresce até oito metros trepando em varas, que se devem fincar para sustê-la. Essa batata, que se presta para ser usada de diversas maneiras, alcança vencer a antipatia de qualquer estômago mais exigente. O cará é uma daquelas plantas cujas folhas são as que mais atraem as formigas, que as despojam até às vêzes, deixá-las sêcas.

11 — Araruta

Esta planta produz um tubérculo oblongo, periforme, e para se alcançar um bom produto faz-se mistêr deixá-la enterrada de um ano e meio a dois. Dela retira-se uma espécie de farinha ralando-a e moenda-a bastante, e depois lavando-a n'água a ficar branca como leite. É passada depois por um coador e deixa-se depositar. O de-

pósito sêco é a farinha. Faz-se uma espécie de gelatina, dando-lhe algum sabor misturando qualquer ingrediente doce ou picante à vontade. A uma colher de farinha se junta um pouco de açúcar com um bocado de leite ou vinho, e se se quiser uma gema de ovo e sumo de limão, deita-se água fervente, e enquanto se mistura vê aquêlê bocado de farinha levantar-se numa massa quasi transparente de encher um prato. Em Blumenau e em Gaspar e em outros lugares ella é cultivada e é exportada para o Destêrro e Rio de Janeiro, onde é misturada com farinha de trigo e empregada pelos pasteleiros. Aqui porém entre os nossos colonos é pouco ou quasi desconhecida.

12 — Batatas

As batatas cultivadas na Europa, e aqui chamadas "Batas inglêsas", produzem duas vêzes ao ano: não tão bem como em os nossos países alpinos. Porém aqui se procura renovar as sementes de três a quatro anos fazendo-as vir da Europa, podendo-se alcançar um bom lucro mantendo-se o preço entre 4 e 6 florins por sacco.

13 — Algodão

Entre as muitas plantas úteis de que se mostra rico êste país não se deve esquecer a do algodão. No norte do Império constitue um importante artigo de comércio, rivalizando em qualidade com os melhores productos dos Estados Unidos. Nesta provincia não se cultiva tanto a entrar no comércio, limitando-se a plantação às necessidades da familia.

Esta planta que viceja dentro do mato, no fim do primeiro ano reveste-se de belas flôres amarelas, que dão depois lugar a capulhos do tamanho de uma noz, os quais próximos à maturação se abrem deixando saltar um flôco de lanugem branca. As mulheres brasileiras, à proporção que amaduram, os colhem livrando-os das sementes, fazendo-os passar por um tórno movido por meio de uma manivela; é fiado no fuso e com a fiandeira em tudo parecida às usadas pelas mulheres dos nossos países; é tingido com ervas, raízes ou cascas tintó-

ricas conhecidas, e finalmente é tecido em panos que servem para tôda a familia. Os nossos colonos, em vez de lamentar tanto o alto preço das fazendas para o vestuário, deveriam imitar o exemplo. Naturalmente, as mulheres a quem toca essa incumbência, não deveriam ir dormir antes das galinhas e levantar-se antes do sol, pois além das outras occupações caseiras não lhe dariam o tempo. Entre nós compravam-se a lã e o cânhamo e si se pudesse tê-los em casa era sempre em detrimento de outros réditos, pois terreno existe em abundância, poder-se-ia plantá-los de algodão com um pouco mais de atividade das mulheres, sômente com a espera do tecedor, não estando ellas acostumadas a tecer panos. Esta é uma economia a cujo respeito ainda nenhum dos nossos colonos pensou; e no entanto há necessidade de pensar por força se não se quiser andar despido ou consumir o belo e o bom de outros ganhos para vestirem-se pois as roupas trazidas da Europa se acham esfarrapadas, e se não forem substituidas, será preciso andar muito breve em trajés de Adão. Retornar aos longos serêes de certa vez, é uma cantilena pouco agradável às mulheres, mas no fundo torna-se sempre verdadeira que a honra de uma mulher não consiste em ser italiana ou brasileira, mas em manter limpa a sua casa e bem vestida a familia.

14 — O Tabaco

Uma planta que consola sobremodo os nossos colonos e que apenas reunidos o utilizam é o tabaco. Poder cultivá-la sem licença das finanças, poder colhê-la e prepará-la à luz do sol, sem temer os espiões e cair no contrabando, poder usá-la largamente, sem que perturbe o pensamento de dever no dia seguinte apresentar-se à inexorável tarefa, é uma satisfação muito fácil de imaginar por alguém que à falta de dois soldos e meio, algumas vêzes teve de condenar ao jejum as exigências do nariz. Esta planta cresce exptânea e é tão comum e tão útil ao Brasil, que com o café foi julgada digna de figurar como ornamento no brazão do país, como na Áustria o carvalho e a oli-

veira. Os brasileiros fazem pouco uso do rapé, mas em vez quasi todos fumam; e para poupar a despesa de um cachimbo, cada qual prepara seu cigarro, envolvendo o tabaco bem triturado nas folhas mais finas das espigas de milho. Sabem preparar o fumo em corda, que se torna extraordinariamente forte e é vendido por alto preço. Os nossos do Vale Lagarina puzeram-se a cultivá-la, preparando as folhas a sua maneira para uso de charutos e rapé. Introduziram várias qualidades, como o húngaro, brasil, valstanha, e julgo que perseverando nessa cultura lograrão boas vantagens, pois além do consumo local, exportam para o exterior.

15 — A Videira

Além do centeio, aveia e cevada que, de acôrdo com as experiências realizadas, deram bons resultados cultivava-se com boa esperança a videira. As qualidades trazidas pelos nossos do Vale de Lagarina já produziram uva, e de haverem experimentado a **marzemina** e nada inferior à cultivada ao longo do Adige. Todavia é muito cêdo julgar se a planta conservará suas qualidades nativas nestes terrenos, e se continuar a prosperar como nestes últimos anos e concorrerão mais dilatadas esperanças para pronunciar-se um juízo categórico. Certo é no entanto que a vide do lugar (morango) promete boa colheita.

Este é o segundo ano que se fabrica vinho e alguns vão conseguir mais de 150 florins. Os brasileiros deixavam crescer a videira sem a menor cultura e diziam que não se podia fabricar vinho, porque não amadurecia por igual e também não fermentava. Os nossos não quiseram acreditar e tentaram a prova: podaram as videiras e assim foi corrigida em parte a maturação desigual e experimentaram fabricar o vinho, que fermentava do mesmo modo que na Europa. O vinho a dizer a verdade não é tão gostoso como o nosso, não é tão forte nem tão bonita coloração, mas é discreto e para quem não o possua, não há melhor do que este. Deve-se todavia notar que a videira tem um acérrimo inimigo nas formigas, as quais, a não ser à fôr-

ça d'água e fogo, em poucos dias a deixam nua e êscas. Por isto muitos estavam quasi a desesperar de conseguir algo, quando em certo ponto, alguns dos mais pacientes e ativos puderam conseguir o vinho, e assim tomou nova alma esta cultura, que esteve quasi por ser abandonada. Agora que dispõem de qualidades, tratam de cercar o terreno destinado às vinhas com um valo cheio d'água, e assim destruídos os formigueiros do interior, não mais se teme os que vem de longe. E que se possa fundar boas esperanças nas vinhas aparece em ser a nossa gente avessa à essa cultura; que uma cultura nova custa muito em ser introduzida pelas contrariedades que depara; e também pelos resultados alcançados no Rio Grande do Sul e na provincia de São Paulo. Consta que naquela provincia desta muito mais próxima ao trópico, foram já aclimadas muitas variedades de vinhas, das melhores qualidades da Europa, e que em 1875 produziram mais de 4.000 hectolitros de vinho, sendo pago o hectolitro a 32 e a 100 florins conforme a qualidade. Estas são cifras muito além de desanimadoras, e se os nossos colonos perseverarem procurando melhorar as plantações com videiras do exterior, poderão entregar suas energias a tanto vinho fabricado, que se vende facilmente debaixo de nomes como Bordeaux, Porto e outros, com as mesmas vantagens dêstes.

16 — Bichos da sêda

Esse inseto, pelo qual os brasileiros e alemães têm uma espécie de horror, assim como tocar-lhe apenas e não lhe suportar a presença, pode formar com o tempo um bom negócio, e tanto mais lucrativo por ser ainda novo no país. O governo tentou algumas vêzes introduzir esta cultura, mas como sempre acontece com as obras iniciadas e sustentadas pelo governo gasta-se muito dinheiro sempre com resultado problemático, sem que op aís tire delas proveito, pelas muitas dificuldades encontradas, não dispondo de conhecimentos nem os meios para superá-las.

(Continua)

**IMPRESSOS
EM GERAL**

GRÁFICA 43 S/A INDÚSTRIA
E COMÉRCIO

OFICINAS E ESCRITÓRIO :

RUA 7 DE SETEMBRO, 10

CAIXA POSTAL, 90

TELEGRAMAS : "IMPRESSORA"

BLUMENAU — **Sta. Catarina**

LITOGRAFIA

FOTOLITOGRAFIA

OFFSET

TIPOGRAFIA



FABRICAÇÃO DE CAIXAS DE PAPELÃO

CONSULTEM OS NOSSOS PREÇOS

K. PRAYON

FÁBRICA DE ARTEFATOS DE METAL



Artigos Sem Similares no Brasil

Rua Hermann Hering, 1.125

BLUMENAU — **Sta. Catarina**

“Blumenau em Cadernos”

MENSARIO DEDICADO A HISTÓRIA E AOS INTERESSES
DO VALE DO ITAJAÍ

Assinatura (12 números) Cr\$ 100,00

Número avulso Cr\$ 10,00

Administração e responsabilidade de LUIZ FERREIRA DA SILVA.

Tôda correspondência deverá ser dirigida a

Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA

EMPRESA INDUSTRIAL GARCIA S.A.

BLUMENAU

—

Santa Catarina

Escritório e Fábrica :

RUA AMAZONAS, 4906 — GARCIA

Endereço telegráfico : G A R C I A

CAIXA POSTAL, 22

FIAÇÃO E TECELAGEM DE ALGODÃO

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE

TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO E DE BANHO

TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA

LENÇOS — ROUPÕES — ATOALHADOS

TOALHAS ADAMASCADAS — CRETONES

OUTROS TECIDOS